

MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano VIII

Agosto de 1950

N. 5/6

Marianos célebres

32. Poeta e Martir

Isabel, rainha inglesa de triste memória, estava no terceiro ano de seu reinado, quando, em Horsham St. Faith, perto de Norfolk, nasceu o menino Roberto Southwell.

Foram tempos bem difíceis para os católicos, aqueles anos de perseguição religiosa. Quem não assua, aos domingos, aos serviços anglicanos, era multado pesadamente e não foram poucos os que, em consequência de sua fidelidade à fé católica, perderam todos os seus haveres, vendo-se reduzidos à pobreza extrema.

Muitos pais católicos, sendo possível, mandavam seus filhos para o continente, afim de receberem, nos colégios de Douai, Reims, Sevilha e Roma, uma educação católica. Mas os assim formados tornavam-se culpados de alta traição, passível de pena de morte.

Este "crime" cometeu também Roberto Southwell. Pequenininho ainda, fora raptado por ciganos e só à coragem de uma criada devia-se sua salvação. Agora, fugiu da sanha da perseguidora coroada, dirigindo-se, primeiro, ao colégio de Douai, na Bélgica, para continuar seus estudos em Paris. Já então pediu sua admissão à Companhia de Jesus. Achavam-no jovem demais. Mas não era demasiado jovem para depositar numa bela poesia sua dor que lhe causava esta recusa.

Foi, então, para Roma, onde conseguiu a satisfação de seu ardente desejo. Em 1584, recebeu a ordenação sacerdotal, sendo depois nomeado prefeito de estudos no Colégio Inglês. Mas já no ano seguinte, os superiores cederam a seus insistentes pedidos de ser enviado para a pátria inglesa afim de fortalecer os católicos tão cruelmente perseguidos.

Em companhia do célebre P. Henrique Garnet, S. J., aportou, em 1586, na Inglaterra. Usando os mais diversos disfarces e observan-

do escrupulosamente as regras que a prudência lhe ditava, pôde durante, seis anos, desenvolver um apostolado fecundíssimo, embora sob as maiores dificuldades. Teve a consolação de reconduzir ao seio da verdadeira Igreja o seu próprio pai.

Um dos grandes meios de que lançava mão para a salvação das almas, foi a palavra escrita. Af se revela, ao mesmo tempo, grande estilista como profundo poeta. Parece que até esteve em contacto com Shakespeare, pois, como afirma a Cambridge History of English Literature, há nas obras de ambos um bom número de traços comuns.

Embora se soubesse quem era o autor, as poesias de P. Roberto Southwell eram vendidas libertamente pelos livreiros londrinos.

Mas, porém, do que pelas obras literárias, deveria Southwell criar fama por seu martírio. Este começou, aos 5 de Julho de 1592, na Uxendon Hall, Harrow. O P. Roberto Southwell estava rezando Missa naquele solar de propriedade de um nobre católico de nome Bellamy. Traído pela própria filha da casa, Ana Bellamy, a qual fora torturada e seduzida pelo monstro Torcliff, nosso mariano caiu nas mãos desse mesmo caçador de padres.

Este não perdeu tempo e pediu, como especial privilégio, à rainha a licença de tutelar a "boa obra de um homem importante", ainda antes de ele ser posto diante de um tribunal. A "licença" foi concedida pelo gracioso soberano e Torcliff fez generoso uso do privilégio.

Depois seguiram-se meses após meses nas diferentes prisões de Londres. Por fim, foi levado para Tyburn e enforcado por crime de alta traição.

Sua morte heróica fez profunda impressão nas massas do povo. Assim selou com o próprio sangue o juramento que Roberto Southwell fizera no dia de sua admissão à Congregação Mariana.

Esperança da América!



NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

Sob este nome é invocada Nossa Senhora como Padroeira da América Latina. Sua festa celebra-se no dia 12 de Dezembro. Grandiosas procissões dirigem-se frequentemente ao templo em México onde se conserva o quadro milagroso.

Aos 12 de Dezembro de 1531, Nossa Senhora apareceu ao neófito Juan Diego, exigindo que se construísse em honra dela um santuário no monte Tepeyac. Insistindo o neófito na necessidade de uma prova da realidade da aparição, N. Senhora arranhou rosas que depositou na tilma (espécie de manto) do indígena, dando-lhe ordem de levá-las ao Bispo do México, D. Fr. Juan de Zamárraga, O. F. M. Ao abrir a tilma, as rosas caíram ao chão, e diante dos olhos do espantado prelado apresentou-se impresso no pano, o belíssimo quadro que reproduzimos acima. — A fotografia que serviu para nosso clichê, devemos-la à bondade do R. P. José A. Romero, S. J., México, D. F.



— O governo belga reconheceu a Universidade de Kisantu, fundada para os negros do Congo Belga, com o nome de Lovanium, por ter sido estabelecida pela Universidade Católica de Lovaina. A direção da nova universidade foi confiada aos padres da Companhia de Jesus. (Nuestra Vida — México, D. F.)

— Um símbolo perfeito da unidade americana e uma concretização em mármore dos altos ideais cristãos que irmanam os povos da América, será o farol de Colombo, concepção brilhante do historiador dominicano Don Antônio Delmonte y Tejada e oferta solidá-

ria de todos os povos da América ao gênio crítico do Descobridor. A construção deste farol monumental está sendo levada a cabo em Ciudad Trujillo, capital da República Dominicana. O projeto mereceu a simpatia e o apoio de todos os países americanos e o governo dominicano determinou sua realização, faz algum tempo. Por ocasião do início dos trabalhos, pela primeira vez, fez-se uso da energia atômica para fins de paz. O plano técnico do farol deve-se ao arquiteto inglês J. L. Gleave, vencedor no concurso patrocinado pela União Panamericana. As características gerais deste grandioso projeto são as seguintes:

O farol está desenhado em forma de uma grande cruz deitada, dividido em seus eixos por dois canais. As dimensões do monumento são:

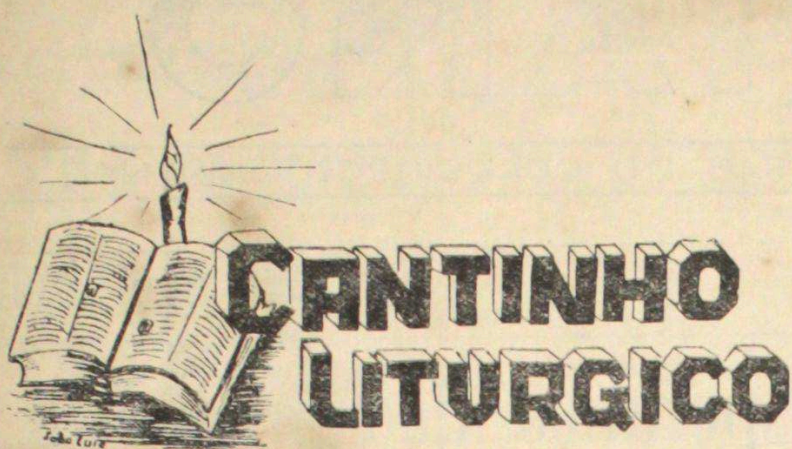
- a) Comprimento total 237 metros
- Comprimento dos braços da cruz 57 "
- Altura total máxima 40 "
- Largura dos canais 4 "

b) A Grande Capela octagonal terá 16 metros de diâmetro e uma altura de 22,5 mts.

c) A Grande Cruz, já terminada, que circunda o monumento, tem o comprimento de 690 metros por 166 em seus braços.

d) O Parque Internacional tem uma área de 2.500 acres. O fanal central que coroará o monumento, encima do túmulo de Colombo, constará de uma luz potente e terá 21 raízes verticais de concreto que simbolizarão as 21 repúblicas americanas.

(Latinoamérica — México, D. F.)



Aproxima-se agora a parte mais santa, a parte mais importante da s. Missa, o Canon.

Com toda a razão, o Cardeal Wiseman chama a esta parte do sacrifício eucarístico "rito divino". Pois, no Canon, repete-se o que Nosso Senhor fez na Última Ceia: a transformação do pão no Corpo, e do vinho, no Sangue de Jesus. O celebrante, segundo expressa ordem divina e em virtude dos poderes sacramentais, recebidos na ordenação, usa as mesmas palavras de que fez uso o Eterno Sacerdote naquela noite para sempre memorável.

Parámos aqui um instante para uma reflexão histórico-apologética.

Desde os dias dos Apóstolos até o momento de hoje, milhões de sacerdotes subiram e estão subindo ao altar, dia por dia. E assim será até o fim do mundo.

E quem foram e são estes sacerdotes? Sob que condições celebraram e estão celebrando a Missa?

Entre este imenso cortejo de ministros do Senhor encontramos os maiores luminares da humanidade, homens que se distinguem por seu saber e poder, homens que fazem história, no melhor sentido da palavra.

E as circunstâncias nas quais a s. Missa foi dita? A morte esperava os sacerdotes que imolavam o Cordeiro Imaculado nas catacumbas de Roma. A morte era a companheira constante dos missionários, seja nas selvas da Germânia, seja nas planícies da China ou nas ilhas do Japão ou nos esteques inóspitas da Rússia. Muitos são os sacerdotes condenados

à morte na Inglaterra, no tempo da assim chamada reforma, na França, durante a revolução, no México, na Espanha, quando estes países gemiam sob a fúria dos perseguidores vermelhos.

E nem mesmo em tempos de paz faltam as dificuldades. Aí temos o jovem coadjutor da paróquia da grande cidade, que, ao meio dia, inicia a s. Missa, depois de ter passado horas no confissãoário, depois de ter pregado e batizado. Aquele sacerdote idoso mal reúne as poucas forças que uma vida cheia de trabalhos e sacrifícios lhe deixou para, penosamente, celebrar a s. Missa. Aquele outro arrasta-se de muletas até o lugar sagrado, afim de oferecer a ssma. Trindade o Sacrifício do Novo Testamento.

Será possível que todos estes homens tomem sobre si tamanhos incômodos e riscos apenas para ingerir um pedacinho de pão insípido e engulir um golezinho de vinho?

Seria a morte de toda a lógica. Seria a negação completa de toda a inteligência humana.

Não. Sabemos que a s. Missa é, realmente, a repetição do milagre da Última Ceia. E isto sabe também o povo católico de todos os tempos e de todos os países. É por isto, que também ele afronta perigos e dificuldades para tomar parte no mistério sagrado. É por isto que também tantos leigos deram a vida por Aquele que deu Sua vida por nós e que continua este sacrifício de um modo incruento todos os dias.



JÉCA — ÓIA "SEU" PURQUE VANCÊ NÃO VAI "TRABAIA" LÁ NA TERRA DESSE BICHO? PUIS LÁ É TÃO BAUM...

A realidade é diferente

Do rico material que desfaz o mito do "paraíso" soviético podemos usar somente bem pouco, por falta de espaço. E falando em trabalho forçado, não nos referimos à Rússia. Pois, como escreve a Dra. Hannah Arendt ("The Concentration Camps", in Partisan Review, Julho de 1948), "trabalho forçado é a condição normal do proletariado russo inteiro, que foi privado da liberdade de se mover e pode ser mobilizado em qualquer parte, a qualquer hora".

Tiramos algumas passagens de "Forced Labour in Communist Romania" pelo General Nicolae Radescu, antigo "premier" da Romênia.

Diz ele: "A Romênia é hoje uma prisão política e econômica como um cárcere físico para seu povo. Não somente sair de lá, mas mesmo a intenção de abandonar o país, é punida como crime."

"A livre circulação de mercadorias, empresas livres e o trabalho livre foram abolidos. Iniciativa econômica pertence exclusivamente aos soviets de Bucarest que agem sob imperiosas e directas ordens de Moscou".

O país empobreceu, primeiro, em consequência da guerra. Depois vieram as exigências soviéticas que não só estrangularam o comércio, mas destruíram as indústrias. Em seguida, privaram os operários do direito de fazer greve e de negociar livremente questões de salário. O operário apresenta-se sufragamentado mal vestido e privado dos direitos elementares do indivíduo livre. Mas há outros que vivem e labutam em condições piores do que os escravos do passado que — julgávamos — pertenciam para sempre a tempos idos.

Esta triste sociedade está sendo dirigida por uma burocracia que possui não só os privilégios materiais de uma casta tirânica, mas que goza do poder de dispor da vida dos habitantes.

Para assegurar a submissão com-

pleta da população, recorrem os soviets à deportação em massa.

Diz Radescu: "A forma mais desumana sob a qual a escravidão moderna aparece, é a da deportação de grandes massas de povo dos países ocupados pelos soviets, que, violentamente, são reunidas qual gado e enviadas para o interior da Rússia".

Centenas de milhares de rumenos foram assim arrancados a seus lares e famílias, separando maridos de esposas, pais de filhos, irmãos de irmãos. É evidente que muitos destes infelizes foram parar nos campos de concentração onde os espera uma morte lenta, pior do que o fuzilamento. Outra invenção russa são as "Brigadas voluntárias" de trabalho forçado, versão rumena dos "Gulags" russos. Os "voluntários" têm que trabalhar sem receberem salário. A comida que lhes é dada, mal se distingue da dos presos nos campos de concentração.

A sorte do assim chamado "operário livre" não é melhor. Praticamente ninguém já pode trabalhar por conta própria. O funcionário ou empregado pode ser despachado de um momento para o outro. Os salários, em 1948, nem chegaram à metade do que se percebia em 1938. Em troca disto, o operário tem que trabalhar 10 a 12 horas por dia, tendo, várias vezes por semana, que tomar parte em cursos sobre a doutrina comunista.

O sindicalismo é uma farsa, pois os resp. órgãos comunistas impõem aos empregados a obrigação de inscrever-se nos sindicatos que servem apenas para mais escravizar ainda o operário.

Especialmente dura é a sorte do camponês que foi espoliado de sua terra e do maquinário e tem que pagar impostos pesadíssimos.

A consequência de tudo isto é: Em vez de um "paraíso" existe um estado de escravos, cujos habitantes vivem à mercê de um totalitarismo brutal.

ESCOLA DE GUERRA (XLIII)

As Regras da CM e a Constituição Apostólica "Bis Saeculari Die"

1. Formação do Apóstolo Leigo

Os apóstolos receberam sua formação na e pela convivência com Nosso Senhor.

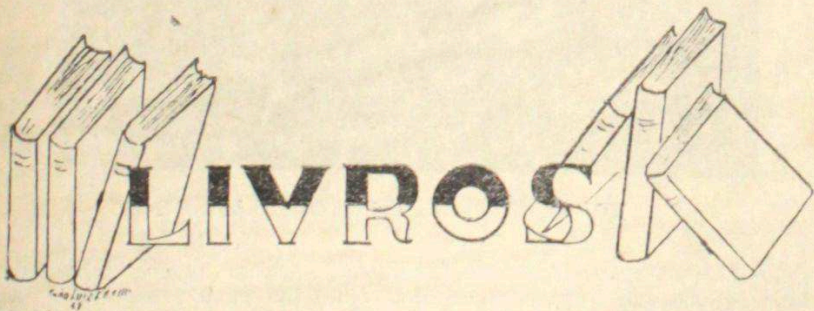
Com Ele rezavam, com Ele trabalhavam e viajavam. Em sua companhia passavam as horas de folga. Estavam com Ele nas horas de exaltação popular e nos perigos do lago traicoeiro. Foram Seus comensais na Última Ceia e testé-

munhas oculares de sua ressurreição.

Em colóquios íntimos, Jesus preparou, um por um, os operários que iriam trabalhar na vinha do Senhor, preparou-os para a sublime tarefa de colaborar com o Salvador na difícil empresa de livrar o mundo do pecado e dirigi-lo nos caminhos de salvação.

Dia por dia, tinham os Apóstolos diante dos olhos a santa vida de seu Mestre, vida repleta de sacrifícios, de trabalhos e atos de caridade.

(Continua na 4ª página)



Vou me Confessar, por Agnês Goldie; Edições Melhoramentos, São Paulo, 3. edição. — Agnês Goldie escreveu para a delicada alma infantil um trabalho digno de máxima atenção. Conversar com as crianças, incutir-lhes ensinamentos básicos é sempre tarefa que requer o máximo de cuidados. Que não se deve então dizer quando se trata de falar às crianças de Deus, do sacramento da confissão, dos mistérios profundos e adoráveis que cercam a mais difícil e todavia mais suave dos consolos espirituais com que a Igreja assiste e arina os fiéis!

Em linguagem tão simples e tão humana como aquela que diariamente a mãe amorosa dirige ao seu filho, a autora convida a criança, segundo os capítulos do livro, a fazer a sua oração matinal, a compreender, resistir e evitar a tentação e o pecado, a preparar-se para ir ao confessionário para purificar a sua alma e, finalmente, para conservar Jesus dentro de si.

As ilustrações são de Jeanne Hebblynek e a tradução de Colina Lion.

A obra, pelo seu alto significado, mereceu a aprovação das altas

autoridades eclesiásticas de São Paulo.

Vou Comungar, por Agnês Goldie; Edições Melhoramentos, São Paulo, 3. edição.

— As mesmas autoras de outro livrinho de máximo interesse e alcance — "Vou me confessar", escreveram e ilustraram este livro de relevantes méritos: "**Vou Comungar**".

Concedendo o seu "imprimatur" e o seu "Reimprimatur" a este livro, as autoridades eclesiásticas de São Paulo sancionaram um instrumento poderoso com que contarão os pais, mestres e catequistas no aprimoramento espiritual da infância. O livro é, todo ele, de elevação, de ternura, — mensagem amorável de bons sentimentos e aproximação constante de Deus pelo caminho da Eucaristia.

Nenhum ato pode ser tão importante na vida infantil do que essa aproximação da mesa eucarística. Compreendendo isso, e procurando esclarecer acertadamente a criança a respeito da responsabilidade de seu ato, é que a autora preparou um trabalho digno dos maiores encômios.

E. M.

POR QUE SER CASTO?

(Tradução)

(Continuação)

Por Daniel A. Lord, S. J.

Se Cachorro... Se Homem... Agora, tal diferença total e absoluta no ponto de vista torna total e absolutamente diferente a atitude do cristão para com o início da vida, da atitude do pagão. Se o homem é essencialmente animal, como um cachorro, digamos, podemos raciocinar que seu começo de vida é bestial. Se não há diferença real entre um homem e um macaco, então não faz grande diferença, se o princípio da vida de um homem seja belo ou feio, se é rodeado de dignidade ou pejado de vergonha, se é mantido puro e sem mácula, ou se é manchado com a nódoa do bruto.

Mas, se o homem é o filho de Deus, o modo pelo qual entra no mundo, torna-se uma coisa tremendamente importante.

Se escopo e fim da vida do Homem são belos e dignificados, então o começo desta vida deve ser belo e dignificado.

Se Deus colocou o Céu ao alcance do Homem, então cada elemento na vida do Homem é grandemente importante.

E o sexo torna-se uma coisa mística, bela e sagrada. A fria realidade é que somente por meio do ato sexual humanos filhos de Deus podem entrar no mundo e iniciar a tremenda aventura desta vida humana com seus objetivos divinos.

O acasalamento de cachorros é um negócio da sargeta. A relação de um potro com uma égua, por quanto possa haver significação para algum futuro Derby, é uma coisa bestial. A peixão dum gato por seu amor de beco dificilmente é de grande valor. Os acasalamentos primaveris dos passarinhos são encantadores, mas socialmente sem importância. E o ato sexual entre um homem e uma mulher é trivial ou dignificado, estupidamente cômico ou altamente importante, conforme o homem e a mulher estiverem num mesmo nível ou acima do cão, do potro, do gato, do pintarroxo empando-se debaixo do olmo que segura seu ninho recentemente construído.

Nós católicos dizemos que o homem e a mulher que se amam um a outro e que casam, são elevados ao nível de Deus mesmo. E isto faz toda a diferença.

O Cristão prevalece. De bem grado concedo que não há ser humano, seja crente ou descrente, que possa pensar no homem sem notar que existe alguma coisa que marque o homem como sendo acima do animal. É por isto que há pagãos que, apesar de sua descrença combatente, ainda guardam seu respeito pela vida humana e sua reverência pelo começo da vida humana. Mas geralmente, o pagão que observa tal atitude, possui-a inconscientemente por tê-la herdado da tradição católica ou por ter, sem o saber, absorvido o ponto de vista católico. Com o cristão, é ele guarda reverência pela vida e pelo começo da vida, mesmo quando pensa que rejeitou as verdades sobre as quais se assenta esta reverência; conservou um coração cristão, embora tenha desenvolvido um cérebro pagão.

Ora, a Igreja ama os seres humanos.

A Igreja reverencia a vida humana.

É por isto que a Igreja insiste na salvaguarda do caminho — do único caminho — pelo qual vida humana pode entrar no mundo.

A Igreja insiste que o sexo deve ser salvaguardado e que o exercício do sexo deve ser mantido belo, puro e dignificado.

Com tudo isto a Igreja quer dizer que devemos ser puros.

E para completar o quadro com alguns detalhes mais, meus quinze mil jovens amigos e eu fizemos a viagem de volta para o primeiro capítulo da História do Homem; voltamos à história de criação.

O Primeiro Homem é feito. Mesmo si nosso amigo pagão é um destes pensadores descuidados que são bastante inteligentes para conceder que um edifício não se pode construir a si mesmo, mas bastante crédulos para pretender que o

mundo se fez a si mesmo, deveria ainda achar belamente poética a narração de como Deus fez o primeiro homem. Deus tornou-se artista. Formou, por assim dizer, uma espécie de modelo de barro. E o modelo que fez foi tão lindo e belo, que Ele, o divino artista de um modo como acontece até com artistas menores, se enamorou de Sua estatua. Séculos mais tarde, Pigmeação da lenda grega, devia suspirar junto a sua Galatea marmórea até que os deuses misericordiosos dotassem de vida a estatua.

Mas o artista Deus, Ele mesmo, foi capaz de dar vida à estatua que fizera e chegara a amar. E desejou fazer isto. Por isto, inspirou no modelo de barro o sopro de vida, e fazendo isto, deu aquele modelo, o Homem, aquela coisa exquisita que o torna tão diferente do mosquito ou do galgo ou do gorila a socar o torax, a coisa exquisita que chamamos alma.

Depois, afim de simbolizar quão perto está a mulher do coração do marido, e para tornar claro que ela é carne de sua carne e osso de seu osso, Deus tomou uma costela de Adão e fez primeira mulher, Eva.

Mas o Segundo... Agora, Deus poderia ter continuado a criar seres humanos desta maneira. Não foi, porém, seu plano monopolizar a criação de seres humanos. Determinou que homens e mulheres tomassem parte na bela responsabilidade de fazer nova vida humana ao mundo. Deus fizera o primeiro homem e a primeira mulher, e este primeiro casal devia começar a continuação da obra de Deus.

Para tal, Deus dotou a Adão e Eva do estupendo poder do sexo, o poder de chamar à existência seres humanos, de dar a Deus filhos e filhas cujo destino devia ser o da felicidade eterna com Ele.

Deus foi um Pai; Sua nova criatura, o Homem, devia ser um pai. Com o coração de uma mãe, Deus estremecia o mundo que criara; Ele daria à Sua nova criatura mulher o coração de uma mãe, coração transbordante dum amor inextinguível.

Desde o momento em que Deus tomou esta grande decisão, foi só pelo exercício do sexo que vida humana, pode entrar no mundo. Não houve outro portal. Si o homem e a mulher se unissem em amor, filhos poderiam nascer. Si o homem e a mulher se recusassem de dar filhos a Deus, filhos não poderiam nascer. Si o homem e a mulher destruíssem o portal pelo qual a vida nova devia entrar no mundo... si permitissem aos selvagens e aos lobos do mundo seguir sua egoística, sen sua vontade com eles... que seria então dos filhos que Deus esperava que iam nascer?

Traição. Não é, realmente, necessário estudar os detalhes daquele hediondo quadro de horror que a tração do sexo tem pintado através da história humana. Não é, realmente, necessário narrar as terríveis histórias de algumas das consequências da tração do sexo: crianças que nascem cegas ou loucas ou desesperadamente mutadas porque suas mães e seus pais abusaram do poder criador do sexo. Não é, realmente, necessário dizer das mães cruéis que mataram seus filhos recém-nascidos e das mães que mataram seus filhos ainda antes de nascer.

É bem supérfluo mencionar aqui que há crianças que nasceram em lares sem amor, crianças que foram concebidas não pelo amor, si não pelo prazer, não por afeição, si não pela paixão brutal. Todos estes crimes foram gravados tão profundamente na história da humanidade que mesmo uma olhada superficial é suficiente para repelir-nos.

Tal a Fonte, Tal a Vida. Precisamos lembrar somente isto:

As águas não são mais puras do que as fontes donde brotam. A vida não está em nível mais alto do que o mesmo nível da fonte desta vida.

Somente integra, sadia, castamente casada pode dar à nova vida que traz ao mundo todas as chances possíveis de ser integra, sadia e casta.

A Virtude Forte. A castidade, longe de ser a fraca, mole, negativa coisa do moderno conceito pagão, é aquela virtude poderosa que faz com que um homem e uma mulher se decidam a salvaguardar a força do sexo que Deus lhes confiou.

A castidade é aquela gloriosa virtude que faz com que uma mulher resolva guardar puro seu corpo do qual nascerão os filhos do futuro; dá a um homem clarividente coragem, a coragem de enxotar os selvagens e os lobos do mundo que procuram agarrar o bebê não nascido com unhas e dentes corruptos sanguinolentos, destruidores. A castidade fomenta numa mulher aquele heroísmo encantador que a leva a colocar seu puro e belo corpo entre o futuro da raça e aquelas forças selvagens que, desde o começo dos tempos, têm feito tudo em seu poder para corromper e destruir a humanidade.

A posição pró-castidade está baseada no reconhecimento de uns poucos simples fatos:

Filhos podem entrar no mundo somente pelo portal do sexo. Deus pediu aos homens e às mulheres que lhe dessem filhos puros.

Se a vida humana é importante e sagrada — e Cristo nos provou que ela é importante e sagrada — então o modo pelo qual a vida humana entra no mundo é importantíssimo e sacratíssimo.

Portanto... Portanto, um homem que tem qualquer vestígio de respeito pela santidade da vida humana ou pelo futuro da raça humana, velará sobre seu poder criador e há de salvaguardá-lo para seu exercício próprio.

Portanto, uma mulher que é honesta para consigo mesma, dar-se-á conta que seu corpo é a fonte do futuro e que nada pode permitir que possa poluir ou cortar esta preciosa nascente, da qual podem vir pequenos filhos e filhas de Deus.

Tudo isto é simples lógica. Tudo isto flui desta única afirmação: seres humanos são preciosos, e a vida humana é gloriosa.

Simple Honesty. Castidade é uma coisa de simples honestidade. Ela pede aos homens e às mulheres que reconheçam o fato que Deus lhes tem confiado uma tremenda responsabilidade. Filhos podem entrar no mundo somente pelo modo que homens e mulheres lhes permitirem que entrem — filhos podem nascer de corpos puros ou de corpos impuros. Crianças podem ter pais fortes ou pais decaídos; crianças podem vir do corpo de uma mãe imaculada ou de um corpo que foi manchado e degradado. Por causa de Sua predeterminada confiança em nós, Deus não pode interferir nestas consequências naturais — a não ser, naturalmente, Ele queira fazer um milagre.

As vezes, talvez, tenhamos a impressão que Deus tenha confiado demasiadamente em nós. Mas certamente, esta enorme confiança deveria nos inspirar um desejo esmagador de fazer o bem. Gostamos de corresponder a qualquer confiança com seu cumprimento. Gostamos de sentir que não enganamos a pessoa que depositou grande poder em nossas mãos e nos pediu que o usássemos bem e belamente.

Os Fatos. Agora tudo isto, parece-me, torna perfeitamente claras as razões para a posição firme e intransigente da Igreja em maté-

ria do sexo. Não é que a Igreja inveje seus filhos pela menor parte do prazer ou da alegria que Deus colocou na vida. É simplesmente que a Igreja reconhece:

Que o sexo é o portal da vida. Que o abuso do sexo é o abuso da vida e põe em perigo o futuro inteiro da raça humana.

Que a impureza é um perigo horrível para o futuro que há de vir. Que um pai impuro é mui provavelmente o progenitor dum filho fraco e defeituoso.

Que uma mãe impura é, quase sempre, a fonte de vida impura.

Que mães e pais das gerações vindouras devem ser tão nobres quanto humanamente o podem ser; que não há nada de nobre em trair uma confiança; que esquivar-se dum dever e responsabilidade ou ignorá-los, mas aceitar a recompensa que pertence àqueles que cumprem aquele dever e responsabilidade, é ser ladrão da classe mais baixa.

Um. Este último ponto — roubo — aguçou de súbito a nossa atenção, a dos meus jovens amigos e a minha, e passamos algum tempo com ele, porque compreendemos quão profundamente importante é.

Deus tem uma maneira munificente, V. sabe, de pagar seus filhos por tudo que fazem por Ele. É um Pai generoso e recompensa prodigamente tudo quanto é dado a Ele ou feito por Ele.

Quando, p. ex., Ele nos deu o dom de nossa própria vida, implicitamente ordenou-nos que cuidássemos desta vida, a alimentássemos, que a levássemos à maturação plena, que a mantivéssemos numa saúde razoável. E comida é absolutamente necessária para tudo isto.

Recompensa da Vida. Ora, é interessante observar como Deus nos recompensa se comermos razoavelmente e assim cuidarmos de nossa saúde. V. e eu, digamos, sentamos à mesa. É um bom jantar, bem preparado, de excelente qualidade e abundante em quantidade. Servem-se os aperitivos; a sopa é deliciosa em pratos profundos; o assado e as verduras não são passados; o café, forte e fumegante, enche nossas xícaras; servimo-nos de frutas saborosas. Ora, durante a refeição não paramos à cada garfada para dizer:

"É meu dever de cuidar da minha saúde. Vou tomar este jantar porque Deus quer que eu proteja minha vida e conserve minha força afim de fazer eficazmente o meu trabalho."

Provavelmente, durante a refeição, soltamos um suspiro de satisfação e continuamos a lhe fazer justiça.

O que acontece, realmente, enquanto comemos? Duas coisas. Primeiro, cuidamos excelentemente de nossa vida. Os alimentos que estamos ingerindo, nutrem-nos e dão-nos forças e asseguram a continuação do trabalho de nossa vida. Segundo, Deus, generosamente, recompensa-nos pelo cuidado que temos desta nossa vida. Sim; não há dúvida quanto a isto. As delícias da mesa são a generosa maneira de Deus recompensar-nos pela alimentação, sustento, desenvolvimento e cuidado por nossa vida.

E para tornar realmente generoso a recompensa, Deus fez do mundo um inexgotável armazém dos mais variados alimentos. Ficamos estupefatos ao dar-nos conta da quantidade e grande número de espécies destes alimentos. O mundo tem em estoque coisas para tentar o apetite mais apagado. Há comida que agrada a velhos e moços; há comida para o lavrador que leva à mesa o condimento dum apetite cordial; há comida para o estudante que tem que forçar-se para comer. O mundo armazena toda a espécie de comestíveis, desde o sumo duma maçã madura até o succulento corte dum bife ou a peça de carne do faisão; desde o figo recém-colhido até a ostra das profundezas do oceano.

Sem Recompensa? Ora, em todas estas distribuições e recom-

(Continua na 4ª página)

Depois de dez minutos mais ou menos, tinha chegado ao seguinte fosso que estava perto da casa. Era uma encosta alta cujas sumidades se achavam cobertas por arbustos. Virava-me para todos lados em procura de um portão. Mas, nada pude descobrir. Por isso tinha que abrir caminho pelo matagal e arrastar-me ao topo da vala. Mas, entretanto tudo ficou tão escuro que nem a minhã mão podia ver diante dos meus olhos. Fiquei parado algum tempo, esforçando-me por formar uma idéia do que seria um pulo para as profundezas. Não adiantava, porém; tinha que decidir-me e arriscar o salto.

Pulei.

Enquanto lançava-me na escuridão, vislumbrei com a rapidez de um relâmpago, alguma coisa que se estendia aos pés, brilhando como um lençol d'água. No seguinte momento, eu estava dentro, com um barulho infernal: aterrisei num canteiro de plantas que estavam cobertas com vidro. Era uma verdadeira felicidade que usava meias bem grossas; de outra forma, as minhas pernas teriam sido feiamente cortadas. Somente meus joelhos e minhas mãos sofreram um pouco, tanto pela queda como pelo esforço para sair daquelas ruínas.

De certo, tinha quebrado uma boa quantidade de vidro; pois, era-me impossível ver o que estava fazendo. Enquanto procurava uma saída de tudo isto, ouvi a voz de uma mulher que gritava: "Aqui estão eles, de novo, Jaime. Estão, desta vez no jardim, quebrando os vidros de S. Revma".

Afinal, livre-me dos cacos de vidro e mais impedimentos e deitei-me no meio de um montão de qualquer espécie de verduras. Um homem saiu da casa e começou a berrar e fazer um barulho infernal; afirmava que ia quebrar todos os ossos nos corpos dos vagabundos, se os pegasse. Isto não me soava muito consolador. Mas, eu me sentia tão molhado e cansado que pouco importava-me o que eles viam fazer de mim. Depois ouvi a voz de um outro homem perto da casa dizer: "Agora, Jaime, você não será tão duro para com eles. Você não baterá neles. Se os apanhar, há de os trazer ao meu gabinete".

"Está certo, padre" respondeu o homem chamado Jaime e pare-

POR QUE SER CASTO?

(Continuação da 3ª página)

pensas é Deus extremamente sábio. Sabe que, se, afim de conservarmos-nos normais e sadios, tivéssemos que nos forçar a comer coisas de que não gostássemos, ou que fossem insípidas, comeríamos somente a custo de penoso esforço e com verdadeira relutância. Encontrei certa vez uma moça que, em consequência de um acidente de automóvel, estava privada do uso do sentido do gosto. Ser incapaz de distinguir os gostos de alimentos deve ser bastante terrível. Ela me disse que se estivesse cega e então comesse um prato de pirão de batatas e um sorvete de chocolate, ela não distinguiria entre as duas coisas.

"Ambos", disse ela, ele são igualmente insípidos".

"Bem", perguntei, "isto tem algum efeito sobre o seu comer?"

"O pior dos efeitos possíveis. Tenho que forçar-me a comer. Num palavra, tenho que me arrastar à mesa e me dizer que, se não comer, não poderei viver. Cada refeição é uma penitência e uma tortura".

Tal situação é completamente anormal, já se vê. Para garantir nosso cuidado por um estado normal e saudável, Deus nos prodigaliza os deleites da comida. Está certo, comemos para viver; mas no decorrer da refeição experimentamos as delícias das infinitas variedades de comestíveis com que Deus abasteceu este armazém terrestre.

(Continua)

O SALTO NO ESCURO

(Tradução)

(Continuação)

cia ressentido. Suponho que teria aplicado uma boa sova, se pudesse ter feito conforme seus desejos.

Durante algum tempo, o homem e a mulher continuavam sua caça, gritando um para o outro, de um modo estúpido: "Pegou-os, Jaime?" — "Eu não! E você, Maria?" Por fim, a mulher, por desgraça, tropeçou nos meus pés.

"Minha Nossa!..." gritou e berrou ela! Mas, isto não impediu que ela caísse sobre mim com todo o seu peso, afundando o meu rosto na lama. E assim ficou sentada em cima de mim, gritando por socorro. Com isto o tal Jaime veio. Eles me fizeram levantar, seguraram-me um pela direita, outro pela esquerda, e, correndo, arrastaram-me pelo jardim a fora.

Senti-me indizivelmente feliz por saber perto de mim o sacerdote; pois, estou certo de que pelos modos como eles falaram, me empurraram e maltrataram, se eles tivessem estado sós, eles me teriam matado — ah! teriam, na certa. Em todo o caso, eles quase me fizeram chorar como criança pequena, tanto eles me beliscaram nos braços; e a mulher era a pior dos dois. Levaram-me pela cozinha e um curto corredor até uma porta que estava meio aberta e detam-me um empurrão para dentro do gabinete.

III

CHÁ PARA TRES

Então, devo confessá-lo honestamente, experimentei a maior surpresa de minha vida. Esperava encontrar o sacerdote furo de raiva; mas, em vez disto, tão logo me viu, sorriu e disse àqueles dois sujeitos que se retirassem. Em seguida, ficou aí parado, olhando para mim durante um minuto, como se não soubesse por onde começar. Eu, por minha vez, também não sabia o que dizer, e assim quedei imóvel, olhando para ele, sem dizer nada.

Ele era um homem de meia idade, com cabelos prateados que eram bastante compridos. Não era muito alto e nada gordo. Sua batina tinha uma cor que lembrava o marrom, pelo menos na frente onde deixava cair uma parte da carga de pó destinado ao nariz. Mas, eu gostava muito de seu rosto; pois, tinha uma expressão sumamente bondosa.

Depois de um minuto ele disse, numa voz muito calma:

"Bem, menino, como chegaste ao meu jardim e que estavas fazendo lá?"

Contei-lhe que tinha perdido o caminho e que tinha pulado do dique e que estava muito sentido por ter quebrado tantos vidros. Mas, ele disse que isto era um acidente e não fazia mal, e que esperava que eu não tinha cortado a pele. Contou que alguns maus mocós da aldeia costumavam invadir seu jardim, e roubar, e que esta era a razão pela qual eu tinha sido tratado com tão pouca clemência. Disse-me ainda que supunha ser eu aluno do colégio. Respondi que era. Então, ele me poz a mão no ombro e me perguntou sem rodeios, se eu estava fugindo. Eu disse que sim.

Ele ia fazer-me perguntas mais; mas, de repente, parecia receber uma inspiração e disse: "Pobre menino, você está molhado e suas mãos e joelhos estão sangrando". Com muito cuidado me pegou na mão, pois mostrava vários cortes. Levou-me para uma cadeira perto do fogo. "Devemos cuidar disto". Acrescentou. E com estas palavras saiu apressadamente do quarto, para voltar com uma bacia de água quente e uma toalha. Durante todo este tempo ele murmurava qualquer coisa — suponho que estava dizendo suas orações. Depois, pegou da toalha,

por L. H. Croasdaile, S. J.

atando-a ao redor de si como se fosse um avental e olhando, durante um minuto, para um grande crucifixo que estava pendurado na parede. Depois, disse, a meia voz. "O criado não é maior do que o mestre". E, antes que eu pudesse opor qualquer resistência, ele se ajoelhou e, com suas próprias mãos, livrou-me dos meus sapatos lamacentos e das meias ensoopadas!

Desde o primeiro momento, ele se mostrara extremamente bondoso para comigo, e quando eu via esta veneranda cabeça de ancião perto do meus pés, eu, simplesmente, não aguentava mais, e comeci a chorar sem disfarçar. Esforcei-me por contar-lhe o que tinha acontecido; mas, duvido que qualquer pessoa me pudesse entender — e ele, certamente, nem mesmo tentou me entender — ele apenas ficou sentado ao meu lado, segurando minha mão durante algum tempo. Quando eu me senti melhor e pude falar razoavelmente, ele me fez contar minha história sem dificuldade alguma.

Quando eu estive pronto com a história, ele disse uma porção de coisas reconfortantes, que, em parte pelo menos, restauraram meu bom humor. Subitamente, ele se voltou para mim de um modo bastante sério, e disse: "Sabe meu filho, de que V. precisa antes de mais nada, agora mesmo?" — Pensei por algum tempo e perguntei a esmo: "Ir me confessar, padre?" — Ele sorriu e disse: "Não; V. precisa de uma xícara de chá com alguma coisa de comer".

Ele se levantou para chamar o

empregado, e, quando fazia isto, alguém bateu com força na porta. A porta se abriu quase imediatamente e eu ouvi uma voz que me deixou frio. "Boa noite, P. Matt," disse a voz, "estou justamente de volta da cidade e trouxe-lhe aqui o jornal da tarde". Virei-me e aí na porta da sala estava o reitor em pessoa!

No princípio, ele não deu por mim, mas, entrou com seu pesado sobretudo, tendo na mão o chapéu de copa alta. Ele é um grande homem em todos os sentidos da palavra, com rosto avermelhado e jovial e cabelo branco, entretanto, não parece homem velho. Estando aí, assim olhando para o outro sacerdote, parecia simplesmente enorme. Em seguida se virou e olhou para mim.

Suponho que estava um pouco "enfunchado"; pois, achava-me em mangas de camisa, sem sapatos e sem meia. Em todo o caso olhou para mim com todos os sinais de surpresa.

Acho que ele suspeitava logo que eu estava "fazendo uma despedida francesa"; pois, ele me disse numa voz muito seria: "Meu moço, dá licença de perguntar o que V. está fazendo fora do colégio a estas horas da noite?"

Teria sido inútil inventar uma história qualquer. — mesmo se tivesse tido vontade para tal — mas, mesmo assim, eu não sabia onde e como começar minha explicação. Por isto, deixei-me ficar aí, olhando para ele, com a respiração pesada, como acontece as pessoas, justamente um momento antes de começar a chorar. Evidentemente, reparou em que situação eu me achava, porque tornou-se um pouco mais manso.

(Continua)

Cura repentina

O Irmão João Arangures, S. J., sacristão do Colégio S. Francisco Xavier, em Pasto (Colômbia), sofreu de cancer na boca. Foi operado na enfermaria do Colégio dos Padres Jesuítas, em Bogotá. O médico operador foi o próprio facultativo daquele estabelecimento de ensino. Num Sábado — 15 dias mais tarde — o mesmo cirurgião examinou a ferida e constatou que o cancer renascera. Por isso, resolveu operar de novo e cortar completamente toda a parte cancerosa, devendo-se seguir aplicações de radium.

Na noite seguinte, o Irmão sonhou que estava explicando o catecismo aos meninos, como costumava fazê-lo no colégio, em Pasto. Subitamente, os meninos pareciam recuar, como se quisessem abrir passagem a uma pessoa que se aproximasse. O Irmão viu, então, duas senhoras, vestidas de branco, nas quais reconheceu Maria Santíssima e sua própria mãe, falecida há 10 anos. Nossa Senhora mandou à mãe do Irmão que lhe mostrasse a parte atacada pelo cancer. Depois disse Maria Santíssima: "Curemos nós o que os homens não podem curar". Ao mesmo tempo, limpou, com um suave pedacinho de algodão, toda a parte cancerosa. Em seguida proibiu ao Irmão de contar o acontecido a quem quer que fosse, até que o próprio médico esclarecesse qual fora sua moléstia e confirmasse que estava completamente curado.

Por aqueles dias, venerava-se, em Bogotá, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. O Irmão a tinha visto na catedral. Assim reconheceu-a como a que em sonhos lhe aparecera.

Na segunda feira, quando o médico, mais uma vez, examinou a ferida com a intenção de logo proceder à segunda operação, descobriu ele que o cancer de repente desaparecera e, em seu lugar, formaram-se carne e pele novas, como as de um menino. Oito dias depois, sem que ainda lhe fosse dito o que

ESCOLA DE GUERRA (XLIII)

(Continuação da 2ª página)

Ele lhes deu o exemplo. Ele lhes comunicou as graças necessárias.

Não há outro modo de formação mais eficiente do que o trato direto com Jesus.

É por isso que a Regra 39 insiste na Comunhão frequente. O Código do Direito Canônico (can. 883) apoia esta Regra, quando diz: "Insista-se com os fiéis para que frequentemente, até todos os dias, se alimentem com o pão eucarístico, segundo as normas expostas nos decretos da Sé Apostólica; que, assistindo à Missa, não o façam somente com afeto espiritual, mas tomem nela parte pela recepção sacramental da ss. Eucaristia, sempre com a devida disposição".

Ora, se isto vale para todos os católicos, quanto mais para o congregado que em virtude já da 1. Regra, deve se santificar e adquirir as forças para poder colaborar no apostolado da Igreja.

A s. Comunhão proporciona-nos a mesma intimidade com Jesus de que gozavam os Apóstolos. Contemplamos nela o mesmo espírito de sacrifício que, ainda hoje, anima o Coração do Salvador. Percebemos a mesma infinita caridade. E Jesus nos fala a nós também, admoestando e instruindo, dando-nos Suas graças.

Não é verdadeiro congregado aquele que não frequentemente se une com o Filho de Maria.

acontecera, o médico escreveu um relatório sobre o que por si mesmo aprendera acerca da doença do Irmão declarou que houvera um verdadeiro cancer que ele, o médico, de súbito achou curado. Agora que o cirurgião fizera sua declaração por escrito, o Irmão que, por aqueles oito dias, nem uma sílaba proferira a respeito de sua cura milagrosa, foi contar tudo P. Reitor. O Irmão goza, atualmente, de saúde ótima.

("Memorabilia Societatis Jesu", Vol. VIII — fasc. XV; Maio de 1950)